

Mãe e filha a serviço de Deus: as vidas exemplares das mães fundadoras do Convento de Santa Mônica de Goa nos seiscentos

ROZELY MENEZES VIGAS OLIVEIRA*

Introdução

O Convento de Santa Mônica de Goa foi fundado pelo então arcebispo de Goa, D. Fr. Aleixo de Menezes, em 1606. Como mães fundadoras foram chamadas D. Filipa Ferreira e sua filha D. Maria de Sá – as quais, posteriormente, adquiririam os nomes Sor. Filipa da Trindade e Sor. Maria do Espírito Santo, respectivamente –, que se encontravam no Recolhimento de Nossa Senhora da Serra. Durante a leitura dos manuscritos e obras sobre o convento produzidos pelos freis agostinianos, foi possível perceber o uso frequente da imagem das duas mães fundadoras como modelos da vida santa e contemplativa que se levava dentro dos muros do claustro. Na presente comunicação serão exploradas essas imagens no sermão que Frei Diogo de Santa Ana pregou, em 1628, e na obra de Frei Agostinho de Santa Maria, *História da Fundação do Real Convento de Santa Mônica da Cidade de Goa*, publicada em 1699.

Após a partida de Frei Aleixo para Portugal, Frei Diogo de Santa Ana ficou responsável pelo convento com os cargos de prelado e confessor aprovados pelo Papa Gregório XV, em 1622. Embora D. Fr. Aleixo de Menezes não tenha cessado sua influência sobre a vida das religiosas através de cartas direcionadas a Roma – mesmo depois de seu regresso a Portugal –, foi Frei Diogo de Santa Ana que conduziu o processo de afirmação do convento. Foi a ele a quem coube defender as freiras dos ataques da Câmara Municipal, enquanto terminava as obras iniciadas por Aleixo. O sermão de frei Diogo está inserido no contexto de afirmação do convento. Ele foi proferido quando do término das obras da igreja, no qual mais uma vez defendia o convento das críticas do vice-rei e da Câmara e edificava a imagem do mesmo como um território sagrado e agradável a Deus.

Já a obra de Santa Maria foi redigida a partir dos manuscritos de frei Diogo de Santa Ana com o intuito de ressaltar as atividades dos agostinhos no Oriente através do convento feminino. A obra, que é formada por um relato e mais quatro livros, versa sobre a vida do fundador do convento, Frei Aleixo de Menezes, e os trinta primeiros anos da instituição – pois, em 1636 o Convento ficou sob a proteção real. Em suma, trata dos motivos e fundação da instituição, dos trabalhos realizados pelas freiras e suas experiências espirituais, das

* Doutoranda pelo PPGHS da UERJ-FFP, agência financiadora FAPERJ.

dificuldades de se firmar a fundação como território sagrado e o modelo de vida virtuosa seguido pelas religiosas. Além de trazer relatos de vida das mães fundadoras e de algumas religiosas que lá viveram nesses primeiros anos.

As imagens construídas das mães fundadoras

O convento no olhar dos gracianos, aqui inicialmente representados pelas palavras de Santa Maria, seria formador de um espelho de virtude a ser seguido pelas mulheres católicas, fossem elas cristãs-velhas ou convertidas.

Tanta era a modéstia, e o recolhimento exterior desta serva de Deus, e de sua filha, que todas as Donzelas, e mulheres nobres daquela Cidade, que concorriam à Igreja de N. Senhora da Graça, se desejavam chegar a elas, estimando em muito a sua companhia, trato e comunicação. Esta foi a primeira vez que na Índia se viu a virtude postada publicamente (SANTA MARIA, 1699:497).

Como pode-se observar neste trecho e em outras partes do livro dedicado a contar a história da fundação do Convento de Santa Mônica de Goa, o frei Santa Maria explorou bastante a figura de Filipa e sua filha como modelos de virtude feminina para as mulheres de Goa e de todo o Estado da Índia, já que a fama do convento transpassava os muros da cidade – donzelas e viúvas provenientes de vários lugares do Oriente Português professavam no convento. Exemplo disso eram as próprias fundadoras, moradoras da cidade de Taná, numa região ao norte da Índia. Devido à íntima ligação familiar que as duas mães tiveram, buscar-se-á aqui fazer uma análise de suas vidas em conjunto, como mãe e filha que partilharam do mesmo desejo de se tornarem esposas de Cristo.

D. Filipa Ferreira (?-1626) nasceu na Cidade de Ormuz, sendo seus pais Belchior Carniche e Elena Mendes – uma donzela nobre enviada ao Estado da Índia como órfã d’ElRei¹. Vinda de uma família nobre, casou-se com o fidalgo Gaspar de Louzada de Sá, “um cavaleiro de igual nobreza”, por volta de 1580 (SANTA MARIA, 1699:487). Apesar de provavelmente possuírem pouco cabedal, esta origem nobre comprovava o bom nome das futuras mães fundadoras. Como defendeu Gonçalves, “à noção de fidalguia [...] acrescia-se a de nobreza de alma, preenchida pela condição de bom católico” (GONÇALVES, 2005:70), que a esta ainda se acrescentava a discrição e o juízo. Sendo assim, Santa Maria fez questão

¹ Não há informação nem nos escritos de Santa Ana nem nos de Santa Maria sobre a data de nascimento de D. Filipa Ferreira. SANTA MARIA, Fr. Agostinho de. *Op. cit.*, 1699, p. 486; Sobre a mãe de D. Filipa ser órfã del rei, ver: GONÇALVES, Margareth de Almeida. *Op. cit.*, 2005, p. 69.

de dizer que Filipa viveu seu casamento com muita virtude e piedade, transformando-a, portanto, num exemplo para as mulheres casadas.

Após o casamento, foram viver em Taná – situada no Norte da Índia – devido a alguma ocupação dada pelo Rei – segundo Santa Maria – onde em 7 de junho de 1589, tiveram uma filha chamada Maria (SANTA MARIA, 1699:487). Seis anos depois, Gaspar morreu, deixando sua esposa viúva e com uma filha única. É importante observar que Santa Maria exaltou a vontade de D. Filipa, ainda enquanto casada, de levar uma vida virtuosa, frequentando a igreja do convento dos agostinhos da cidade e tendo grande devoção a São Nicolau de Tolentino. Esses fatos viriam a explicar, futuramente, seu desejo de fazer os votos solenes num convento da ordem dos gracianos.

A partir do nascimento de Maria, pode-se dizer que as vidas de mãe e filha foram tomando caminhos semelhantes. Com seis meses de idade, Maria adoeceu gravemente e teria sido a intercessão do santo de devoção de D. Filipa, São Nicolau de Tolentino, que a havia salvado. Quando da morte do marido, D. Filipa resolveu professar como terciária dos agostinianos e criar sua filha na perfeição religiosa, como disse Santa Maria: “Ocupou-se desde aquele tempo em os exercícios da virtude, nos quais instruía a sua filha D. Maria de Sá: o que ela aceitava com gosto, e recebia com alegria, tendo sua mãe grande consolação de a ver bem inclinada” (SANTA MARIA, 1699:488). Deste modo, o autor queria salientar que as virtudes santas da mãe teriam sido transmitidas para a filha.

Santa Maria também mencionou a pobreza de D. Filipa após a viuvez, ressaltando sua escolha de não tornar a casar:

não ficou D. Philipa na morte de seu marido rica de bens temporais, e de fortuna; [...] ficou porém rica de bens da graça [...]. Foi muito zelosa da honra de Deus, e desprezadora de tudo o que o mundo estima: os bens hão de ser os imortais; porque todas as riquezas acabam por caducas, de que nasce o serem indignas de estimação (SANTA MARIA, 1699:488).

Com estas palavras e características de D. Filipa, o frei enaltecia a figura dessa mulher, buscando justificar a exatidão de sua escolha pelo caminho espiritual. Esse discurso seguia um padrão de admiração, que representava uma estrutura religiosa pós-tridentina, em que, como alertou Carla Pinto, os modelos de comportamento eram construídos “pela dor e sofrimento, pelo vencer das contradições da carne e das tentativas de racionalização do cotidiano, pela solidão contemplativa e a dedicação à obediência a Deus” (PINTO, 2010:58).

O discurso de Santa Maria pretendia, assim, construir uma imagem piedosa de D. Filipa, exaltando sua honra virtuosa e sua renúncia da vida terrena com um “ânimo varonil”.

Como é possível notar, essas virtudes de D. Filipa, valorizadas por Santa Maria, foram essenciais para a criação de D. Maria, pois devido aos seus “celestiais conselhos” – nas palavras do autor – ia desenvolvendo na filha o desejo de vir a ser esposa de Deus. Como é comum no estilo hagiográfico, D. Maria desde nova teria demonstrado uma inclinação à vida religiosa. Desde seu nascimento, devido às complicações no parto, seu pai teria profetizado que ela seria freira. É importante observar que nos escritos de vidas exemplares, havia essa tendência de indicar algo extraordinário e profético no início da vida do biografado. Por exemplo, no caso de Sor. Maria Josefa de Jesus do Convento de Nossa Senhora da Soledade da Bahia, Adínia Ferreira evidenciou no relato sobre sua vida constava que a freira tinha nascido predestinada a ser alguém muito especial, uma escolhida de Deus (FERREIRA, 2006:127). Também desde pequena Sor. Maria Josefa de Jesus apresentava virtudes de uma perfeita religiosidade, sabendo desde os cinco anos rezar o terço e praticando a caridade com os pobres (FERREIRA, 2006:128). Da mesma forma, D. Maria, criada pela mãe com muito zelo. Santa Maria relatou que desde pequena praticava exercícios espirituais e se confessava “com tanto conhecimento dos Sacramentos da Penitência, e da Sagrada Eucaristia, que quando chegou aos doze anos, lhe mandaram que comungasse duas vezes na semana” (SANTA MARIA, 1699:545).

Teria sido essa grande devoção de mãe e filha que as fizeram conhecer Frei Diogo de Santa Ana. Depois de cura de uma enfermidade, D. Filipa viajou a Baçaim para cumprir uma novena de agradecimento na capela de Nossa Senhora dos Remédios. Indo depois à igreja de Nossa Senhora da Anunciada, conheceu frei Diogo, com quem iniciou uma relação não só de amizade – por terem certo parentesco – mas também de formação da doutrina e religiosidade da terciária. Pode-se dizer que esse parentesco foi considerado por D. Filipa como uma oportunidade de definir o futuro para sua filha, pois visto que desejava que ela fosse religiosa, “o patrocínio do Arcebispo [por intermédio de frei Diogo] seria grande meio para lhe alcançar algumas mercês em satisfação dos serviços de seu marido” (SANTA MARIA, 1699:491). Esse discernimento demonstra que D. Filipa era conhecedora dos métodos de seu tempo, tentando com novos conhecimentos suprir suas demandas. Mesmo sabendo da ausência de um convento feminino na Índia, o conhecimento do arcebispo poderia lograr algum benefício, como o envio de sua filha – e mesmo dela – para algum convento em Portugal.

A partir de então, passou a usar o hábito das Manteladas da Ordem dos agostinhos, “e começou a entregar-se de forte aos exercícios da oração, e jejuns, penitências, e recolhimento, e a viver com tanta modéstia, que a todos edificava, e era tida por santa, e virtuosa, e assim a veneravam todos naquela Cidade, e lhe tinham grande respeito” (SANTA MARIA, 1699:492). É evidente no discurso de Santa Maria que o uso da fama de santidade antes de abraçar a vida religiosa era visto como sinal de uma predisposição. Contudo, pode-se observar também essas qualidades como meio utilizado por D. Filipa para alcançar seus objetivos.

Finalmente, em 1598, D. Filipa conheceu o arcebispo numa de suas visitas pastorais, quando passou um tempo em Taná. Frei Aleixo tinha a intenção de conhecer a piedosa senhora e lhe entregar o governo do recolhimento que estava tentando fundar em Goa, como informou numa carta ao tio, de 18 de dezembro de 1598 (*Carta de 18 de dezembro de 1598*. Apud: FREITAS, 1890, vol. III:30). Nesse período D. Maria, que deveria ter por volta dos nove anos², escreveu uma petição ao arcebispo – com o conselho e aprovação de seu confessor – pedindo que tendo dedicado a Deus sua vida, gostaria de fazer votos solenes num convento. Ao que respondeu o arcebispo prometendo-lhe que se não houvesse um convento na Índia em que ela pudesse professar, ele a mandaria para um no reino (SANTA MARIA, 1699:546-547). Com esta promessa, conseguia D. Filipa o apoio que tanto almejava.

Passados alguns anos, mas precisamente em 1604, mãe e filha foram para Goa, onde D. Filipa teria ficado responsável pelas órfãs mesmo antes do recolhimento ter sido construído (PINTO, 2006:301). O relato do percurso de Taná a Goa teve características heroicas e fantásticas, que Carla Pinto sugeriu ser típico das crônicas de um império talassocrático como o português, em que as viagens eram feitas mais por mar do que por terra (PINTO, 2010:62). O barco, em que iam D. Filipa, sua filha, um irmão seu para acompanhá-las e algumas criadas, naufragou levando grande parte dos bens de D. Filipa. Bens que Santa Maria fez questão de dizer que eram poucos. O infortúnio da viagem foi visto pelo autor como obra do demônio, que por inveja, tentava afogar grandes mulheres santas e virtuosas (SANTA MARIA, 1699:495). Este episódio serviu também para Santa Maria salientar a força e valentia de D. Filipa, que mesmo diante de infortúnios não se deixava abater. Ela teria enfrentado o mar com a esperança de realizar seu destino de ser religiosa, pois tinha Deus ao seu lado. Essa fortaleza e resignação eram qualidades presentes nos relatos das vidas de muitas mulheres que

² Erroneamente, Santa Maria informou que a idade de D. Maria nesse momento era de onze ou doze anos. Vide: SANTA MARIA, Fr. Agostinho de. *Op. cit.*, 1699, p. 493.

optavam por uma vida religiosa santa. Seus infortúnios deveriam ser vencidos pela sua fé, perseverança e vocação religiosa.

Tanto mãe quanto filha entendiam que cumprir os exercícios de virtude era uma meta a ser perseguida diariamente. Como defendeu Gonçalves, a vocação religiosa era frequentemente associada ao carisma particular do portador, que por sua vez, o lançava a um destino extraordinário (GONÇALVES, 2005:73).

Assistiu Dona Maria em companhia de sua mãe aquele tempo em que se dispôs o Recolhimento, fazendo-lhe em tudo companhia, assim nos exercícios de oração, como nos de mortificação, jejuns, e penitências, e mais exercícios santos. A sua modéstia era tão singular, que causava não só admiração, e confusão nos que a viam; mas grande amor à mesma virtude. Com ela venceu também a cilada que o demônio lhe armou em os que a pretendiam para casar; mostrando-o seu retiro, quão alheios estavam desta matéria os seus pensamentos, que ela tinha no Céu (SANTA MARIA, 1699:548).

Assim como sua mãe, D. Maria reafirmava seu dom especial, sua vocação, através das vitórias sobre o que Gonçalves chamou de *armadilhas*, que atrapalhavam seu caminhar a uma vida de santidade e perfeição (GONÇALVES, 2005:73). Da mesma maneira que D. Filipa, sua filha também negou diversos casamentos – que eram considerados tentações do demônio – para realizar somente um, o espiritual com Jesus Cristo. Essa dedicação exclusiva à causa divina de mãe e filha trilhou seu fervor religioso.

Era comum nos relatos de vida exemplares seus escritores narrarem batalhas dessas pessoas virtuosas com o inimigo de Deus. Desta forma, Gonçalves ressaltou o fato de Santa Maria narrar a vida de D. Filipa como uma contínua e constante luta contra as forças do mal. “Em Filipa, os demônios possuíam uma relação de complementaridade ao sujeito; as formas diabólicas ganhavam existência real, seja na forma de animais ou de seres humanos, como se uma relação de continuidade fosse inerente a essas dimensões” (GONÇALVES, 2005:74).

Todavia, não só Filipa, mas a vida de sua filha também foi contada como uma obstinada superação de obstáculos. As figuras demoníacas eram materializadas no cotidiano das duas mulheres. Primeiramente, no naufrágio na sua ida para Goa, depois em visões de animais perigosos e peçonhentos que cercavam e tentavam entrar no convento. Durante os conflitos com a Câmara – que duraram de 1613 a 1636, de forma mais direta –, os vereadores que se posicionavam contra o mosteiro eram vistos como próprios demônios, como foi o caso de Luís da Fonseca Sampaio. Enfim, tudo o que se opunha à concretude da casa das mônicas eram considerados como tentações provocadas pelo maior inimigo de Deus, algo muito presente nas narrativas edificantes da época.

As vidas de mãe e filha se confundem com a história do convento, pois sua vontade e determinação foram essenciais para conseguirem a fundação deste. Durante a permanência de ambas no Recolhimento da Serra, não teriam cessado de recorrer ao divino em orações para que conseguissem seus maiores intentos de se tornarem freiras. Diferente do que foram observados nos estudos de Adínia Ferreira, Leila Algranti e Margareth Gonçalves (GONÇALVES, 2005:136; ALGRANTI, 1993:314; FERREIRA, 2006:128), em que as religiosas iniciavam suas experiências místicas desde pequenas; para as madres fundadoras de Goa as experiências só começaram bem mais tarde. No caso de D. Filipa, Santa Maria contou que as visões começaram quando ainda estava no recolhimento.

De acordo com o próprio frei Diogo, em seu sermão, D. Filipa – que já havia tomado o nome de Filipa da Trindade – durante a consagração da missa da festa da São Simpliciano “em espírito se elevou” e Deus teria lhe revelado que serviria a ele no mosteiro e que este seria de Santa Mônica (SANTA ANA, 1628: fls. 8v-9). Já a primeira experiência mística de D. Maria, pelo que relatou Santa Maria, só ocorreu depois que entrou para o mosteiro, tendo recebido a visita de alguns santos, como Nossa Senhora, a qual era muito devota, Santo Agostinho, Santa Mônica, o Menino Jesus – que, segundo o autor, era devoção de todas do convento³ – e outros. Essas figuras divinas teriam aparecido para consolá-la em momentos de angústias, e também para pedir-lhe algo ou para avisá-la de algum acontecimento. Como quando Nossa Senhora teria aparecido nove noites consecutivas num mesmo lugar, dando a entender que ali gostaria que fosse feita uma capela em sua homenagem, sob o título de Nossa Senhora do Pópulo. Ao que Santa Maria, ressaltando as qualidades de obediência e devoção de Sor. Maria, disse que ela iniciou logo a obra (SANTA MARIA, 1699:555).

Essas experiências místicas e as vitórias sobre as figuras diabólicas serviriam nos discursos dos freis para reafirmar a proteção ilimitada de Deus para aquelas mulheres que além de lhe seguir com ações virtuosas, lhe entregavam suas vidas. Seriam sinais da “certeza de um destino de alegria na união com o divino, livre dos infortúnios inerentes a um mundo imperfeito, mas principalmente, a graça enquanto reconquista de uma unidade, o Eu no Outro, o Deus no íntimo de sua alma” (GONÇALVES, 2005:79). Esse amor espiritual presente nas

³ No convento de Santa Mônica, a imagem do Menino Jesus foi objeto de grande devoção. Veneração implantada por Sor. Filipa, que havia ganhado uma imagem quando ainda estava no Recolhimento Nossa Senhora da Serra. Nos estatutos da casa previa que cada uma das religiosas poderia possuir seu próprio Menino Jesus no oratório de sua cela ou na sua mesinha do dormitório. Cf: GONÇALVES, Margareth de Almeida. *Op. cit.*, 2005, pp. 87-89; MENEZES, D. Fr. Aleixo de. *Op. cit.*, Parte 2, Cap. 7. ANTT, Convento de Santa Mônica de Goa, liv. 01.

biografias de religiosas foi largamente inspirado nos Cânticos dos Cânticos e nos escritos de Teresa d'Ávila. Na sétima morada, do livro *Castelo Interior ou Moradas*, a santa tratou do casamento especial entre a alma e o divino, em que Deus levaria a alma para sua morada, deixando o corpo sem sentidos para perceber qualquer outra coisa que não fosse ele. Uma união que depois de ser feita não poderia mais ser desfeita, como duas pessoas que casavam (JESUS, 2008:565-589). Foi sob essa representação de casamento perfeito que Santa Maria relatou as imagens construídas de mãe e filha como esposas de Cristo, vivendo na totalidade do amor divino dentro dos claustros de Santa Mônica.

Além de suas experiências com o divino, as madres teriam sido muito cuidadosas com o governo da casa e com a vida de suas irmãs. Madre Filipa governou a casa não menos que três vezes, sendo sempre auxiliada por sua filha, que governou uma única vez como priora por um pouco mais de um ano, devido a uma doença que a levou à morte. Segundo Santa Maria, “Madre Sor. Philippa doutrinava [as irmãs] com muito cuidado, dando-lhes a doutrina com suas mãos, criando-as em muito amor, e temor de nosso Senhor, e em muita humildade, e rendimento, não só para as Preladas, e mais velhas, senão também para com as escravas” (SANTA MARIA, 1699:507). Enquanto isso, Sor. Maria do Espírito Santo, perfeita também na caridade às suas irmãs, “a todas as Religiosas favorecia, e consolava na tristeza, ou desconsolação, buscando-as, aliviando-as, desculpando-as, e intercedendo com elas em tudo o que podia” (SANTA MARIA, 1699:559). O autor fazia delas referências para as condutas das religiosas, tentando mostrar, assim, a criação de uma identidade coletiva, em que as práticas das virtudes eram um dos caminhos para uma vida perfeita em Deus.

Entretanto, a influência dessas madres não ficou presa à comunidade religiosa, a fé e as virtudes das duas religiosas teriam sido louvadas pelas pessoas de fora. Como contou Santa Maria sobre o sucedido com o filho de um fidalgo da cidade. Esse homem, que morava próximo ao convento, estimava muito a virtude da priora desde seus tempos no recolhimento. Tanto que um dia quando seu filho muito novo adoeceu, estando à beira da morte e sem sentidos, mandou pedir à madre que rezasse pela vida do menino. Além de rezar, a religiosa enviou uma imagem de São Tolentino ao pai do menino, e não cessou as orações nem mesmo quando disseram que o menino havia falecido. No dia seguinte, o fidalgo mandou agradecer a intercessão da madre, dando graças, pois “seu filho já quase morto, se levantara logo com saúde, tanto que chegara aquela santa imagem” (SANTA MARIA, 1699:528).

Esse caso, como outros relatados por Santa Maria, demonstra o prestígio que as mulheres consideradas “santas vivas” tinham perante a sociedade. A essas santas vivas, de acordo com Elisja van Kessel, eram pedidos conselhos sobre os mais diversos problemas e por pessoas de diferentes origens. Sua influência estendia-se tanto sobre assuntos religiosos quanto sobre temas políticos e sociais (KESSEL, 1994:190). Deste modo, Santa Maria queria exaltar mais uma virtude das madres fundadoras, a caridade com os necessitados. Para cada virtude, como compaixão, caridade, fé, perseverança, humildade, castidade, zelo com as coisas do mosteiro, o frei contou uma breve história, que segundo ele circulava dentro ou fora do convento. Verdadeiras ou não, as histórias intencionavam representar a fama de santidade que essas mulheres haviam alcançado em toda a Índia, apesar dos conflitos que o convento teve com a Câmara.

Após os relatos de uma vida de serviços perfeitos prestados a Deus, a caminhada terrena chegaria ao fim para dar início ao verdadeiro encontro com o divino que tanto elas teriam buscado em vida. Primeiramente, foi Madre Maria do Espírito Santo, e quase dez anos depois foi sua mãe, Madre Filipa da Trindade. A morte de Sor. Maria foi descrita de modo extraordinário tanto por frei Diogo de Santa Ana como por frei Agostinho de Santa Maria. Os acontecimentos sucedidos foram considerados como milagrosos, o que enaltecia o fato de ter sido ela “a primeira flor da castidade dedicada ao Divino Esposo, e plantada no paraíso do oriente, o Convento de Santa Monica” (SANTA MARIA, 1699:544).

Após governo de um ano e três meses visto como muito zeloso e caridoso, Madre Maria adoecera. Dizia sentir muitas dores no fígado, que persistiram e aumentaram durante quase quatro meses, nos quais consta que fizeram de tudo para curá-la, e durante os quais ela teria suportado pacientemente todas as dores da doença e dos tratamentos. Uma das virtudes elogiadas nesse momento da vida de Madre Maria foi sua resignação para com as dores. Ela teria sido comparada com o cordeiro quieto que vai para sacrifício, ao Cristo flagelado. Aliás, no contexto religioso do século XVII, a doença tinha valor de martírio. Como indicou Jacques Gélis, aceitar o martírio através do sofrimento firmemente suportado era comum na espiritualidade pós-tridentina. Tanto religiosos quanto religiosas percebiam que no combate entre a alma e o corpo, tudo o que pudesse debilitar o corpo fortaleceria a alma (GÉLIS, 2010:70). A doença era vista, portanto, como sinal de eleição, de que Deus havia escolhido a pessoa para estar mais próximo dele.

No caso de Madre Maria do Espírito Santo, sua *via crucis* estava em seus últimos momentos. Após uma breve melhora de aproximadamente dois meses, Santa Maria relatou que as dores voltaram em julho de 1619, quando sucedeu a freira uma apoplexia que a deixou desacordada por quase dois dias. Depois de então, não teve mais nenhuma pequena melhora, ao que o médico disse que não demoraria muito para falecer. Sendo assim, na véspera da festa de Nossa Senhora da Assunção – 14 de agosto – Madre Maria se preparou para a morte. Confessou seus pecados ao seu confessor e mestre, frei Diogo. Depois da absolvição, já na presença das suas irmãs de religião pediu perdão a elas por suas falhas e renovou seus votos solenes. Em seguida, recebeu os sacramentos da eucaristia e da extrema-unção para terminar sua vida terrena com uma boa morte. Foi nesse momento derradeiro de madre Maria que frei Diogo e Santa Maria disseram ter ocorrido algo extraordinário. Segundo eles, todos no convento começaram a ouvir uma música harmoniosa e celestial. As religiosas teriam se espalhado pela casa na tentativa de encontrar de onde vinha a música, e não encontrando acreditou frei Diogo ser música dos anjos.

No dia seguinte, como relatou Santa Maria, próximo ao meio dia, Sor. Maria teria tido sua última visão, em que Jesus dizia a ela:

já tem passado amada minha os rigores do inverno dos trabalhos, as caudalosas correntes das águas das tribulações; já podeis dizer: É chegada a primavera; *tempus put ationis advenit*; chegou o tempo em que hei de cortar a flor do meu Jardim, para me regalar com ela. E esta sua amada, ansiosa de se ver nas mãos de seu Esposo, se alegraria muito com este corte, e bem o mostrava, pois não cessava de repetir naquela hora, e com grande devoção as palavras repetidas: *Cupio dissolvi, et esse com Cristo* (SANTA MARIA, 1699:580).

E com essas palavras registradas pelo autor, madre Maria do Espírito Santo faleceu no dia de Nossa Senhora da Assunção, tendo a freira 30 anos. Deve-se ressaltar a importância que Santa Maria deu à morte de Sor. Maria, pois mesmo em sua morte a madre fundadora ensinara com seu exemplo como uma santa religiosa que havia buscado toda a sua vida agradar a Deus deveria morrer, imitando a Cristo em sua morte e aniquilando-se diante de Deus. Entretanto, os ensinamentos de Maria do Espírito Santo não terminaram com sua morte, os acontecimentos que a sucederam teriam sido mais prodigiosos. Tanto que frei Diogo, em seu sermão de 1627, fez questão de lembrar àqueles que o ouviam dos grandes prodígios e sinais que Deus havia obrado naquele convento (SANTA ANA, 1628:17-18v.).

Depois que arrumaram o corpo da madre para o enterro, o levaram para a capela de Nossa Senhora Madre de Deus para esperar a chegada dos religiosos que iriam fazer o ofício

do sepultamento. Quando esses chegaram, levantaram o véu e teriam percebido que os olhos abertos da freira estariam fixados nos olhos da imagem da Nossa Senhora, que lhe corresponderia o olhar. A cena teria sido tão maravilhosa que o então arcebispo, D. Fr. Cristóvão de Lisboa, mandou que fosse feito um retrato. Depois, como descreveu frei Diogo, foram os religiosos mais antigos para averiguarem tal acontecimento, que declararam parecer ser algo sobrenatural. Assentado isso, o corpo da madre foi levado para o coro de baixo, para que enquanto fosse cantado o ofício de enterro, as pessoas pudessem “ver esta estimada maravilha, o que disso tivessem consolação como logo vieram muitas pessoas de consideração [...] e que até hoje dizem de boca cheia que se isto não foi um milagre, que o pareceu” (SANTA ANA, 1628:18v.).

Esse foi o relato do maravilhoso mais uma vez presente no cotidiano das freiras de Goa, como amostra divina de seu amor pela religiosidade das freiras. Como já afirmado por Leila Algranti, o ato de morrer era descrito como a última batalha entre o corpo e o espírito, em que este triunfava sobre o primeiro. As religiosas deveriam se preparar para a eternidade com alegria, pois era o momento em que se uniriam a Deus (ALGRANTI, 1993:288). A única situação que podia perturbar uma religiosa era a incerteza de saber se Deus a receberia no paraíso ou se teriam que passar um tempo no purgatório. Desse modo, como era de costume a morte de Madre Maria foi descrita elogiando sua tranquilidade e serenidade. Seu rosto estaria “tão cheio da graça e formosura, que parecia estar rindo de alegria” (SANTA ANA, 1628:18), transparecendo assim a convicção de sua fé. Essa imagem formosa do corpo de sor. Maria, descrito tanto por Santa Ana quanto por Santa Maria, demonstra o que Gélis tratou do corpo do santo. O corpo atormentado, fosse pelas doenças como pelo martírio, se tornava após a morte um corpo em glória, desligado do mundo, que proclamaria a nobreza do serviço de Deus (GÉLIS, 2010:88).

Apesar de Madre Filipa não morrer com os mesmos aspectos maravilhosos que sua filha, ela também teria falecido com o sentimento de esperança que possuía uma religiosa na hora de entregar-se pela última vez aos desejos de seu esposo. Nos seus últimos momentos, suas irmãs de religião estavam à sua cabeceira acompanhando-a com orações e consolos. Como indicou Algranti, “a morte era um ato solene da vida comunitária e, como nas demais cerimônias, devia-se proceder a todo um ritual, sem que fosse esquecido o menor detalhe” (ALGRANTI, 1993:291). Da mesma maneira que havia sucedido com Maria do Espírito Santo e demais religiosas, Santa Maria descreveu que sua mãe na hora da morte também

cumpriu com os sacramentos necessários para uma *boa morte*, “despedindo-se de todas aquelas suas filhas, que todas saudosas choravam com muitas lágrimas a falta de tão santa mãe” (SANTA MARIA, 1699:543). Faleceu dia 8 de junho de 1626, dia que chamou atenção de Santa Maria por ser véspera da Santíssima Trindade naquele ano, grande devoção da freira e que deu origem ao seu nome de religião.

Como é possível observar, as mortes das fundadoras são relatadas com características de mortes edificantes, em que a alma triunfava sobre o corpo doente. Até em sua morte, elas foram modelos não só para a comunidade das mônicas, como também para a sociedade portuguesa do Oriente, que confirmavam a fé e a esperança na salvação da alma.

Durante toda a vida, as duas mães fundadoras atuaram como exemplos a serem espelhados pelas demais. A figura de madre Filipa, como Santa Mônica – que intercedia por seu filho quando este se negava à conversão –, refletia o papel de mediadora, intercedendo sempre a Deus em suas orações pela fundação de um território único para a formação de uma vida perfeita, o convento. Seu exemplo era considerado no papel de mãe desempenhado com perfeição, sendo, primeiramente, mãe de sua filha, cuja criação foi pautada no seguimento de virtudes dignas de um convento, como a castidade, a pobreza e a obediência. Depois, se tornou mãe das noviças e freiras, educando-as, formando-as e consolando-as através de sua ação perseverante e penitente.

Madre Maria, por sua vez, seria grande modelo de como deveria agir uma religiosa perfeita. Os relatos tanto de Santa Ana como de Santa Maria louvavam a perfeição de suas virtudes, desenvolvidas desde a tenra idade. Ela foi exaltada por ambos por ser a primeira mulher casta do Oriente a se dedicar exclusivamente à vida contemplativa monástica. Sua figura era assim associada à personagem de Maria como filha obediente que aceitou docilmente os desígnios do pai divino e se tornou a mais sublime esposa de Jesus Cristo, uma “princesa da imitação de seus Anjos na pureza virginal”, nas palavras de Santa Ana (SANTA ANA, 1628:64v.). Sua existência mostraria aos que viviam em lugares tão distantes, como a Índia, que Deus não havia se esquecido deles, tanto que havia posto naquelas partes uma donzela tão perfeita para não se esquecerem de seu amparo e proteção. Tal como exortou Santa Maria, “por haver [Deus] criado em aquelas partes mulher tão excelente [...] e de pública fama de haver sido muito perfeita em todo o gênero de virtudes até que expirou” (SANTA MARIA, 1699:583).

As vidas dessas religiosas foram relatadas como exemplos de vocação e de vida em santidade; de virtudes como a humildade, caridade e modéstia; e de trajetória de perseverança na fé diante das tentações e forças demoníacas. Como é possível notar os relatos da vida ou episódios dela de sor. Filipa e sua filha não possuem características negativas, uma falta que Lígia Bellini e Moreno Pacheco alertaram ser comum numa literatura edificante voltada para apresentar casos exemplares, na qual as atitudes das freiras nunca eram descritas de forma degradante (BELLINI e PACHECO, 2009:152).

A fama das madres fundadoras chegou rapidamente ao Reino, tanto que Frei Luís dos Anjos, em 1626, no seu *Jardim de Portugal*, mencionado anteriormente, retratou a figura de Soror Maria do Espírito Santo, sendo ela “a primeira donzela que nas partes da Índia Oriental [...] se dedicou em mosteiro solenemente a Deus” tendo “sido mui perfeita em todo gênero de virtudes” (ANJOS, 1999:342-343). Tanto mãe quanto filha seriam exemplos reais e representativos do modelo criado e afirmado pelos freis que apropriavam para o Oriente o discurso pregado pela Igreja Católica reformada do ideal de virtude feminina. Sendo assim, se o convento pode ser visto como território construtor dessa representação, as madres fundadoras seriam agentes da mesma, pois através delas que os freis puderam transpor seus ideais.

Tanto os escritos de Santa Ana quanto a obra de Santa Maria tentavam, portanto, cumprir a função de fabricar modelos que serviriam de guia para a espiritualidade de religiosos e leigos que ouvissem ou lessem suas palavras. Contudo, também revelam a preocupação dos freis em destacar – e no caso de Santa Ana, defender – o valor da comunidade religiosa para instituições e indivíduos fora do ambiente religioso eclesiástico, enaltecendo os feitos das monjas que viviam na dita comunidade.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGRANTI, Leila. *Honradas e devotas: mulheres na Colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993.

ANJOS, Fr. Luís dos. *Jardim de Portugal* (1626). Porto: Campo das Letras, 1999.

BELLINI, Lígia e PACHECO, Moreno Laborda. Experiência e ideais de vida religiosa em mosteiros portugueses clarianos, nos séculos XVII e XVIII. In: *Revista de História*. 1º

semestre de 2009, p. 160. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rh/n160/a10n160.pdf>> Acesso em: 29 mai. 2012.

FERREIRA, Adínia. *A reclusão feminina no Convento da Soledade: as diversas faces de uma experiência (Salvador – século XVIII)* [Dissertação]. Brasília: Universidade de Brasília; 2006.

FREITAS, Bernardino José de Senna. *Memórias de Braga contendo muitos e interessantes escriptos extrahidos e recopilados de diferentes arquivos assim de obras raras...* vol. III. Braga, Imprensa Catholica, 1890.

GÉLIS, Jacques. O corpo, a Igreja e o sagrado. In: VIGARELLO, Georges (dir.) *História do corpo, 1: da Renascença às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2010.

GONÇALVES, Margareth de Almeida. *Império da Fé: Andarilhas da alma na era barroca*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005.

KESSEL, Elisja Schulte van. Virgens e mães entre o céu e a terra: as cristãs no início da Idade Moderna. In: DAVIS, Natalie Zemon e FARGE, Arlette (dir.). *História das Mulheres no Ocidente – volume 3: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

MENEZES, D. Fr. Aleixo de e SANTA ANA, Fr. Diogo de. *Constituições que hão de guardar as religiosas da ordem de nosso Padre Santo Agostinho, assim neste mosteiro de nossa madre Santa Mônica fundado nesta cidade de Goa*. ANTT, Convento de Santa Mônica de Goa, liv. 01.

PINTO, Carla Alferes. Género, mecenato e arte: a criação das “casas de mulheres” em Goa. In: *Parts of Asia*, nº 17/18. Dartmouth: Portuguese Literary & Cultural Studies, 2010.

_____. Notas para o estudo do mecenato de D. Frei Aleixo de Meneses: os recolhimentos da misericórdia de Goa. In: *Anais de História de Além-Mar*, ed. João Paulo Oliveira e Costa, vol. 7, Dez. 2006.

SANTA ANA, Fr. Diogo de. *Sermão que o padre frei Diogo de Santa Ana natural da cidade de Bragança, religioso da ordem dos Eremitas do grande Patriarca Santo Agostinho e provincial nela e deputado do Santo Ofício e da segunda instancia das ordens militares pregou em dezanove de dezembro de mil e seiscentos e vinte e sete, na dedicação da nova Igreja do insigne mosteiro da gloriosa Santa Mônica da cidade de Goa metrópole do estado da Índia oriental, em missa pontifical do Illmo. e Rmo. Sr. Dom fr. Sebastião de São Pedro digníssimo Arcebispo Primaz do Oriente e religioso da mesma ordem e prelado do mesmo mosteiro*. 1628. ANTT, Manuscritos da Livraria n.º 1869.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de. *História da Fundação do Real Convento de Santa Mônica da Cidade de Goa, Corte do Estado da Índia, e do Império Lusitano do Oriente*. Lisboa, 1699.

JESUS, Teresa de. *Obras completas*. São Paulo: Loyola, 2008.